

Um convite à cocriação

Após percorrer 21 estados, o grupo mineiro Quatroloscinco chega ao Rio com uma “peça-conversa” inspirada no livro ‘O Circuito dos Afetos’, de Vladimir Safatle

O coletivo Quatroloscinco – Teatro do Comum, de Belo Horizonte, estreia nesta quinta-feira, na Sala Multiuso, do Sesc Copacabana, curta temporada de “Fauna”, seu sexto espetáculo em 17 anos de trajetória.

Dirigida por Ítalo Laureano e Rejane Faria, com dramaturgia e atuação de Marcos Coletta e Assis Benevenuto, Fauna rompe com a estrutura teatral convencional. Sem personagens fixos ou narrativa linear, a montagem dissolve as fronteiras entre palco e plateia, propondo uma cena aberta ao diálogo e à participação do público.

“Temos uma dramaturgia estruturada, mas que se apresenta de maneira porosa, convidando à cocriação. O espetáculo só se completa na relação com os espectadores”, explica Benevenuto.

Inspirado no livro “O Circuito dos Afetos: Corpos Políticos, Desamparo e Fim do Indivíduo”, de Vladimir Safatle, o espetáculo aborda temas como violência, desejo, liberdade, solidão e pertencimento. O corpo surge como instrumento político e social, refletindo sobre a convivência, o impacto das relações e a consciência da finitude humana.

Em uma das cenas, Marcos Coletta compartilha sua visita aos campos de concentração de Auschwitz, onde se deparou com vestígios dos que ali morreram — cabelos, brinquedos, próteses e sapatos. A partir dessa experiência, lança uma provocação: “O campo de concentração fala do que somos e do que podemos nos tornar a qualquer momento”, reflete.

“O teatro, assim como Safatle, nos faz questionar os afetos que regem nossa sociedade. Vivemos em um tempo de hiperconec-

abriu inscrições para dançarinos individuais de comunidades vulneráveis, além de escolas particulares, projetos sociais e coletivos. Ao todo, 520 bailarinos participam das apresentações ao longo dos dois dias, iniciadas ontem.

“O festival é um evento pioneiro e histórico na cidade. Nunca houve algo assim, que mobilizasse projetos sociais, ONGs, artistas individuais e coletivos que trabalham com dança na cidade, especialmente nas favelas cariocas”, destaca Carine Lopes, presidente da Associação Ballet Manguinhos. “Fizemos um levantamento e constatamos que 90% das favelas do Rio têm algum projeto ligado à dança, utilizando-a como ferramenta de transformação social”, revela.

Mais do que um evento cultural, o festival nasce para dar visibilidade a esses artistas que há anos desenvolvem seus trabalhos em comunidades vulneráveis, levando arte e esperança para quem mais precisa.



os atores do grupo mineiro Quatroloscinco busca a interação com a plateia ao longo da apresentação

tividade, mas de profundo individualismo. Como resgatar o sentido de comunidade, ainda que de forma efêmera, como acontece no teatro?”, acredita o grupo.

Selecionado para o Sesc Palco Giratório em 2018, o maior projeto de circulação teatral do país, “Fauna” já foi apresentado em

mais de 40 cidades de 21 estados, além de participar de festivais nacionais e internacionais.

SERVIÇO

FAUNA

Sala Multiuso do Sesc Copacabana (Rua Rua Domingos Ferreira, 160)

Até 23/2, de quinta a domingo (19h)

Ingressos: R\$ 30, R\$ 15 (meia) e R\$ 8 (associado Sesc)

Dança das periferias no Municipal

Festival Ballet de Favela democratiza o acesso de artistas de comunidades a palcos consagrados

Por Affonso Nunes

Nesta quarta-feiras (12) o Theatro Municipal recebe o encerramento do Festival Carioca Ballet de Favela, evento inédito que celebra a dança como instrumento de transformação social. Promovido pela Associação Ballet Manguinhos, o festival

Bruna Vasconcellos/Divulgação



Manguinhos tem ballet desde 2012

“O evento tem um papel fundamental na democratização do acesso à arte, que ainda é muito elitizada. O balé clássico, por exemplo, continua sendo predominantemente branco e inacessível. No entanto, há inúmeros projetos em periferias e favelas que ensinam balé e lutam para se apresentar em festivais e teatros, enfrentando grandes barreiras sociais. Esse festival surge para dar palco e protagonismo a esses talentos, que há tanto tempo buscam reconhecimento e oportunidades, mas encontram portas fechadas”, ressalta Carine.

O Ballet Manguinhos foi fundado em 2012 pela educadora física Daiana Ferreira. Inicialmente, as aulas de balé contavam com cerca de 70 alunas e ocorriam nos fundos de uma igreja da comunidade. Ao longo dos anos, a organização expandiu suas atividades e, em março de 2024, completou 12 anos de atuação, atendendo aproximadamente 410 alunos em cerca de 20 favelas da região.